

A FREQUÊNCIA DE JOGOS COMO TITULAR E O TEMPO NA EQUIPE SÃO FATORES INTERVENIENTES NA PERCEPÇÃO DE COESÃO DE GRUPO NO CONTEXTO DO FUTSAL DE ALTO RENDIMENTO?

Frequency of matches as starter and team time are intervening factors on group cohesion perception in the high performance futsal context?

José Roberto Andrade do Nascimento Júnior¹, Carla Thamires Laranjeira Granja¹, Eliakim Cerqueira da Silva¹, Diego Rubinakes Amorim¹, Daniel Vicentini Oliveira², Lenamar Fiorese Vieira³.

RESUMO

Este estudo investigou se a frequência de jogos como titular e o tempo na equipe são fatores intervenientes na percepção de coesão de grupo de jogadores de futsal de alto rendimento. Fizeram parte da pesquisa 301 atletas (25,48±4,90 anos), representantes das 19 equipes participantes da Liga Nacional de Futsal 2013. Como instrumentos foram utilizados o Questionário do Ambiente de Grupo (GEQ) e um questionário semiestruturado. Para a análise dos dados utilizou-se o teste de Kolmogorov-Smirnov, Kruskal-Wallis, “U” de Mann-Whitney e a correlação de Spearman ($p<0,05$). Os resultados demonstraram que os atletas titulares e que estão na equipe há mais de um ano se percebem mais envolvidos individualmente (Atração Individual para o Grupo-Tarefa) com as metas da equipe ($p<0,05$). Verificou-se correlação significativa ($p<0,05$) e positiva para os atletas que sempre jogam como titulares do tempo na equipe com a Integração para o Grupo-Tarefa ($r=0,40$) e a Atração Individual para o Grupo-Tarefa ($r=0,27$), e para os atletas que nunca são titulares do tempo na equipe com a Atração Individual para o Grupo-Tarefa ($r=0,30$). Conclui-se que a estabilidade dos jogadores dentro da equipe (titularidade e tempo na equipe) é um fator interveniente no envolvimento do atleta com as metas da equipe no contexto do futsal de alto rendimento.

Palavras-chave: Ambiente de grupo; Psicologia do esporte; Atletas.

ABSTRACT

This study investigated whether the frequency of matches as starter and the time in the team are intervening factors in the group cohesion perception among high performance futsal players. The subjects were 301 athletes (25.48±4.90 years), representatives of the 19 teams participating in the National Futsal League 2013. The instruments were The Group Environment Questionnaire (GEQ) and a semi-structured questionnaire. Data analysis was conducted through Kolmogorov-Smirnov, Kruskal-Wallis and Mann-Whitney tests and Spearman's correlation ($p<0.05$). The results showed that starters and who were in the team for more than a year perceived to be more individually involved (Individual Attraction to Group-Task) with team's goals ($p<0.05$). There was a significant ($p<0.05$) and positive correlation of time within the team and Group-Integration Task ($r=0.40$) and Individual Attraction to Group-Task ($r=0.27$) for athletes who always played as starters. For those who are never starters, time within the team correlated with Individual Attraction to Group-Task ($r=0.30$). It is concluded that stability of the players within the team (starter and time within the team) is an intervening factor in the athlete's involvement with the team goals in the of the high performance futsal context.

Keywords: Group environment; Sport Psychology; Athletes.

1. Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina/PE, Brasil,
2. Faculdade Metropolitana de Maringá (UNIFAMMA), Maringá/PR, Brasil,
3. Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá/PR, Brasil. Autor para correspondência:

Autor para correspondência:
José Roberto Andrade do Nascimento Júnior,
Universidade Federal do Vale do São Francisco, Av. José de Sá Maniçoba, S/N
– Centro, CEP: 56304-917 - Petrolina/PE.
E-mail: jroberto.jrs01@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O esporte de alto rendimento tem sido o objeto de estudo cada vez mais frequente da Psicologia do Esporte em todo o mundo. No Brasil, as modalidades coletivas de maior destaque nas pesquisas são o futebol e o futsal^{1,2}, assumindo ênfase por estarem entre os esportes mais populares no país³. Para além do nível técnico e tático, uma importante particularidade dos esportes coletivos é a necessidade de que os jogadores estejam unidos para que possam atingir bons níveis de desempenho⁴. Em termos científicos, a união de uma equipe é representada pela coesão de grupo, que se refere aos sentimentos de proximidade entre os membros de um mesmo grupo⁵.

O modelo conceitual de Carron et al. (1985)⁶ postula que a coesão é um constructo psicológico dinâmico, formado por componentes sociais e da tarefa, que se apresentam em função da atração individual e das percepções de integração do atleta em relação à equipe, constituindo quatro dimensões: a atração individual para o grupo-tarefa (AIT), que se refere ao envolvimento pessoal com as tarefas do grupo. A atração individual para o grupo-social (AIS) engloba a integração social e o sentimento de aceitação pelo grupo. A integração no grupo-tarefa (IGT) é o entendimento de que a equipe partilha de objetivos similares voltados para a tarefa. E a integração no grupo-social (IGS), que é definida pelas relações afetivas adquiridas entre os membros da equipe fora de competição^{6,7,8}.

A importância da coesão no contexto esportivo se dá pela sua possível mutualidade com o desempenho⁵. Da mesma maneira que a percepção de coesão de grupo é um precursor necessário para o alcance do sucesso de um grupo, a experimentação de sucesso em grupo pode construir uma percepção mais forte de coesão de grupo^{5,9,10}. Diante desse cenário, pode-se considerar uma associação positiva entre a coesão de grupo e o desempenho de equipes esportivas⁵, podendo se destacar a maior significância na coesão para a tarefa como preditora do desempenho¹⁰.

Diferentes investigações têm relacionado a coesão de grupo com diversas outras variáveis, tais como a liderança do técnico¹¹, o clima motivacional¹², a ansiedade¹³, o estresse pré competitivo¹⁴ e a satisfação dos atletas¹⁵. No entanto, uma das variáveis pouco exploradas, e que pode exercer influência sobre o rendimento das equipes esportivas é a alta rotatividade dos membros, ou seja, a dificuldade de permanência do mesmo grupo de atletas em um time¹⁶, sendo esta a lacuna que o presente estudo visa explorar. Para isso, nesta pesquisa a amostra foi dividida de acordo com a frequência de escalação como titulares (Nunca à sempre) e com o tempo dos atletas em suas equipes (até 1 ano e mais de 1 ano).

Carron¹⁷ argumenta que as equipes que permanecem juntas por muito tempo e tem forte desejo pelo sucesso do grupo demonstram altos níveis de coesão. Somando-se a isso, as experiências compartilhadas, como vitórias e derrotas, são importantes no desenvolvimento e manutenção da coesão, porque unificam uma equipe¹⁸. Ainda, Mach et al.¹⁹ encontrou que a estabilidade (tempo dos atletas na mesma equipe) aumentou a relação coesão-desempenho. Desse modo, essa pesquisa se torna relevante ao passo que poderá revelar se a participação do atleta como titular nos jogos e o tempo de permanência dentro da equipe influencia no envolvimento com as metas da equipe e a interação social entre os atletas.

Face ao exposto, este estudo teve como objetivo investigar se a frequência de jogos como titular e o tempo na equipe são fatores intervenientes na percepção de coesão de grupo de jogadores de futsal de alto rendimento.

MATERIAIS E MÉTODOS

Participantes

A pesquisa foi realizada com todos os atletas participantes da Liga Nacional de Futsal do ano de 2013, a competição mais importante da modalidade no Brasil, totalizando 301 atletas do sexo masculino (25,48±4,90 anos de idade). Os jogadores eram representantes das 19 equipes participantes da competição (Joinville, Corinthians, Jaraguá, Orlândia, Umuarama, Assoeva, Carlos Barbosa, Minas, Marechal Rondon, Concórdia, Atlântico, Cascavel, Guarapuava, São José, Maringá, Florianópolis, Suzano, São Bernardo e São Caetano).

Estes atletas foram divididos em dois pares de grupos para as posteriores análises. A primeira divisão foi de acordo com a frequência que reportaram serem escalados como titulares em suas equipes (“nunca”, “algumas vezes”, “frequentemente” e “sempre”). A segunda divisão foi com relação ao tempo em que os atletas estavam em suas respectivas equipes (“até 1 ano” e “mais de 1 ano”).

Instrumentos

A coesão de grupo foi identificada por meio do Questionário do Ambiente de Grupo (GEQ)⁶, validado para o contexto esportivo brasileiro por Nascimento Júnior et al. (2012)²⁰ e para o futebol e futsal por Nascimento Junior et al. (2016)². O questionário é composto por 16 itens, respondidos em uma escala do tipo Likert de nove pontos (1=discordo totalmente à 9=concordo totalmente). Os itens são divididos em quatro dimensões: Integração no Grupo-Tarefa, Integração no Grupo-Social, Atração Individual para o Grupo-Tarefa e Atração Individual para o Grupo-Social. Os valores do alfa de Cronbach de todas as dimensões foram acima do aceitável de acordo com as recomendações psicométricas, variando entre $\alpha=0,75$ a $\alpha=0,82$.

Para verificar a idade de início da prática do futsal e de disputa da primeira competição, a quantidade de treinos por semana, de horas de treino por sessão, o tempo na equipe e a frequência de jogos como titular, foi aplicado um questionário semiestruturado elaborado pelos próprios autores.

Procedimentos

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá (parecer nº 248.363/2013). Inicialmente foi realizado contato com a Confederação Brasileira de Futsal (CBFS), entidade responsável pela realização da Liga Nacional de Futsal, para obter autorização de realização da pesquisa com os participantes da competição. Posteriormente foram contatados todos os diretores das equipes e os técnicos solicitando a autorização para o estudo. As coletas foram realizadas no início da temporada de 2013, nos locais de treinamento das equipes. Todos os atletas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Análise dos dados

Para analisar a distribuição de dados utilizou-se o teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov. Evidenciando a não normalidade dos dados, foi adotada a apresentação descritiva em mediana (Md) e intervalo interquartil (Q1-Q3). Para a comparação da percepção de coesão de grupo dos jogadores de futsal em função da frequência de jogos como titular (“nunca”, “algumas vezes”, “frequentemente” e “sempre”) foi efetuado o teste de Kruskal-Wallis seguido do teste “U” de Mann-Whitney

para pares de grupos. Para a comparação da percepção de coesão de grupo dos jogadores em função do tempo na equipe (“até 1 ano” e “mais de 1 ano”), utilizou-se o teste “U” de Mann-Whitney. Foi adotada a significância de $p < 0,05$. Todas as análises foram realizadas no software SPSS v22.0.

no futsal durante a infância ($Md=8,00$ anos) e disputaram sua primeira competição ainda na categoria infantil ($Md=10,00$ anos). Verificou-se que a mediana do tempo dos atletas na equipe atual foi de 17,0 meses e que os atletas treinavam por volta de 10,0 vezes por semana, sendo que cada treino durava 2,0 horas.

RESULTADOS

Em relação ao perfil dos jogadores da Liga nacional (Tabela 1), percebeu-se que os atletas iniciaram a prática esportiva

Tabela 1. Perfil dos jogadores das equipes participantes da Liga Nacional 2013.

VARIÁVEIS	Md (Q1; Q3)
Início da prática (anos)	8,00 (6,00; 12,00)
Primeira competição (anos)	10,0 (7,0; 14,0)
Tempo na equipe (meses)	17,0 (5,0; 24,0)
Treinos por semana	10,0 (10,0; 10,0)
Horas de treino por sessão	2,0 (2,0; 2,0)
Jogos como titular (f/%)	
Nunca	74 (24,6%)
Algumas vezes	141 (46,8%)
Frequentemente	65 (21,6%)
Sempre	21 (7,0%)
Tempo na equipe (f/%)	
Até 1 ano	137 (45,5%)
Mais de 1 ano	164 (54,5%)

Em relação à frequência de jogos como titular, apenas 21 atletas (7,0%) responderam que participavam de todos os jogos como titulares e 65 (21,6%) frequentemente iniciavam os jogos como titulares. Por outro lado, 46,8% dos jogadores ($n=141$)

algumas vezes iniciavam as partidas como titulares, enquanto que 24,6% ($n=74$) sempre começavam os jogos como reservas. A Tabela 2 apresenta a comparação da percepção de coesão de grupo dos jogadores de futsal em função da frequência de jogos como titulares.

Tabela 2. Comparação da percepção de coesão de grupo dos jogadores de futsal em função da frequência de jogos como titular.

Dimensões de Coesão de Grupo	Nunca (n=74)	Algumas vezes (n=141)	Frequentemente (n=65)	Sempre (n=21)
	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)
IGT	7,50 (6,00; 8,40)	7,40 (6,60; 8,00)	7,00 (5,90; 7,80)	7,60 (6,90; 8,10)
IGS	5,75 (4,25; 6,50)	5,50 (4,75; 6,75)	5,50 (3,87; 6,75)	6,25 (3,50; 7,50)
AIT	7,67 (6,58; 8,67)	7,67 (7,00; 8,67)	7,33 (6,33; 8,00)	8,33 (6,83; 8,67) ^a
AIS	6,50 (5,62; 7,50)	6,75 (5,75; 7,50)	6,00 (5,25; 7,25)	6,50 (6,12; 7,25)

^aDiferença significativa ($p < 0,05$) – Teste de *Kruskal-Wallis* entre: a) Sempre e Frequentemente ($p=0,043$). Nota: IGT: Integração no Grupo–Tarefa; IGS: Integração no Grupo: Social; AIT: Atração Individual para o Grupo–Tarefa; AIS: Atração Individual para o Grupo: Social.

Houve diferença significativa (Tabela 2) apenas na dimensão de Atração Individual para o Grupo-Tarefa ($p=0,0043$), evidenciando que os jogadores que sempre iniciavam os jogos como titular ($Md=8,33$) possuíam maior envolvimento individual como as metas da equipe em detrimento aos jogadores que frequentemente ($Md=7,33$) eram titulares. Apesar desta diferença,

nota-se que ambos os grupos apresentaram alto nível de atração individual para a tarefa. Além disso, não houve diferença significativa ($p>0,05$) com os jogadores que nunca e algumas vezes eram titulares.

A Tabela 3 apresenta a comparação da percepção de coesão de grupo dos jogadores de futsal em função do tempo na equipe.

Tabela 3. Comparação da percepção de coesão de grupo dos jogadores de futsal em função do tempo na equipe.

Dimensões de Coesão de Grupo	Até 1 ano	Mais de 1 ano	P
	(n=137)	(n=164)	
	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	
IGT	7,20 (6,30; 8,00)	7,40 (6,60; 8,20)	0,200
IGS	5,50 (4,25; 6,75)	5,50 (4,25; 6,75)	0,797
AIT	7,33 (6,33; 8,33)	7,67 (7,00; 8,67)	0,022*
AIS	6,50 (5,62; 7,25)	6,75 (5,75; 7,50)	0,243

*Diferença significativa ($p<0,05$) – Teste "U" de *Mann-Whitney*. Nota: IGT: Integração no Grupo-Tarefa; IGS: Integração no Grupo-Social; AIT: Atração Individual para o Grupo-Tarefa; AIS: Atração Individual para o Grupo-Social.

Verificou-se (Tabela 3) que os atletas que estavam em suas respectivas equipes há mais de um ano apresentaram maiores valores na dimensão de Atração Individual para o Grupo-Tarefa ($p=0,022$), indicando que quanto maior o tempo de convivência dentro do grupo, maior o envolvimento individual com as metas

da equipe. Não houve diferença significativa ($p>0,05$) nas demais dimensões.

A Tabela 4 apresenta a correlação entre a coesão de grupo e o tempo na equipe de acordo com a frequência de jogos como titular.

Tabela 4. Correlação entre a coesão de grupo e o tempo na equipe de acordo com a frequência de jogos como titular

	IGT	IGS	AIT	AIS
Frequência de jogos como titular				
Nunca	0,09	0,16	0,30*	0,22
Poucas vezes	0,07	0,04	0,12	0,15
Algumas vezes	-0,09	-0,07	-0,07	0,01
Sempre	0,40*	-0,04	0,27*	0,01

*Correlação significativa ($p<0,05$) – Correlação de *Spearman*. Nota: IGT: Integração no Grupo-Tarefa; IGS: Integração no Grupo-Social; AIT: Atração Individual para o Grupo-Tarefa; AIS: Atração Individual para o Grupo-Social.

Verificou-se correlação significativa ($p<0,05$) para os atletas que sempre jogam como titulares do tempo na equipe com a IGT ($r=0,40$) e a AIT ($r=0,27$) e para os atletas que nunca são titulares do tempo na equipe com a AIT ($r=0,30$).

DISCUSSÃO

O presente estudo pôde avançar ao investigar se a frequência de jogos como titular e o tempo na equipe são fatores intervenientes na percepção de coesão de grupo de jogadores de futsal de alto rendimento. De modo geral, pode-se perceber maiores percepções de coesão de grupo para os atletas sempre titulares e com mais de um ano de equipe, e maiores índices de coesão para a tarefa do que para aspectos sociais, além de associações positivas entre atletas que sempre são titulares e as suas percepções de coesão para a tarefa.

Um dos principais achados do presente estudo foi a associação linear da coesão para a tarefa com a titularidade (Tabela 4), evidenciando que quanto maior a frequência de jogos como titular, mais os jogadores são atraídos para os componentes da tarefa (AIT), e percebem que o grupo está unificado e focado para os objetivos estabelecidos para a equipe (IGT) e vice-versa⁶. Ou seja, é de fundamental importância que os atletas participem com frequência dos jogos e competições, que os objetivos do grupo sejam gratificantes tanto individual, quanto coletivamente, fortalecendo as metas grupais e assim, possibilitando o aumento do desempenho da equipe, visto que o trabalho de Carron, Bray e Eys²¹ já demonstrou uma forte correlação entre a AIT e desempenho da equipe de futebol.

Outros resultados interessantes dizem respeito às diferenças encontradas entre os grupos na AIT, demonstrando que os atletas titulares e com mais de um ano de equipe são mais atraídos individualmente para as tarefas e metas da equipe. Dessa forma, os sentimentos dos atletas sobre a equipe, e consequentemente o grau de satisfação dos objetivos e necessidades pessoais e a motivação para permanência no grupo²², foram maiores para os atletas titulares e com maior estabilidade dentro de uma equipe.

Também é importante destacar que os maiores índices de coesão foram encontrados nos fatores da tarefa e os menores nas dimensões sociais. Tais resultados corroboram com dois estudos de Nascimento Júnior et al.^{23,4}, no qual a coesão de jogadores de futsal nas dimensões relacionadas à tarefa foi significativamente maior do que nas dimensões sociais. Paes et al.¹³ ressalta que equipes esportivas de alto rendimento são, por sua natureza, mais orientadas a tarefa, como é o caso do presente estudo, no qual os jogadores treinavam diariamente, sendo cada sessão de treino com duas horas (Tabela 1). Desse modo, por mais que o relacionamento social seja importante para equipes esportivas, o objetivo central das interações dentro do esporte de alto nível é voltado à tarefa²⁴. Além disso, os menores índices de coesão social podem ser explicados pelo fato da amostra ser constituída por homens, visto que tal forma de coesão tende a ser mais robusta em equipes femininas²¹, e pelo alto nível de rendimento das equipes, ao passo que já se sabe que as interações sociais são menos focadas no esporte de alto rendimento²⁵.

Apesar dos avanços apresentados pela presente pesquisa, é importante destacar algumas limitações. Inicialmente, a amostra foi composta apenas por atletas de uma modalidade esportiva (futsal) e do sexo masculino, o que impossibilita a generalização com outras realidades do cenário feminino e nacional. Contudo, vale ressaltar que a amostra foi composta por todos os atletas participantes da principal competição de futsal do país. Ainda, o estudo apresentou design transversal, avaliando os atletas em apenas um momento da temporada, impossibilitando análises das relações de causa e efeito entre as variáveis. E por último, apenas a relação entre titularidade e tempo na equipe foi verificada, ao

passo que existem diversas outras variáveis determinantes envolvidas na percepção de coesão de grupo no esporte. Diante disso, sugere-se que futuras investigações sejam realizadas também com atletas do sexo feminino e com outras modalidades esportivas, envolvendo diferentes variáveis e com design longitudinal para verificar as possíveis alterações da coesão de grupo ao longo de uma temporada.

Desse modo, os resultados desse estudo permitem concluir que a estabilidade dos jogadores dentro da equipe (titularidade e tempo na equipe) é um fator interveniente principalmente na coesão para a tarefa, sendo determinante no envolvimento do atleta com as metas da equipe no contexto do futsal de alto rendimento. Como implicações práticas, pode-se considerar a necessidade de incentivos por parte dos técnicos e profissionais envolvidos na contratação e preparação de atletas, para que proporcionem contratos de maior duração e um ambiente psicológico favorável para que os atletas desejem permanecer dentro de tal equipe.

REFERÊNCIAS

1. Andrade A, Brandt R, Dominski FH, Vilarino GT, Coimbra D, Moreira M. Psicologia do esporte no Brasil: revisão em periódicos da psicologia. *Psic em Estudo*. 2015; 20(2):309-317.
2. Nascimento Junior JRA, Ribeiro AC, Moreira CR, Pizzo GC, Ribeiro VT, Vieira LF. Propriedades psicométricas do Questionário de Ambiente de Grupo (QAG) para o contexto do futebol e futsal de alto rendimento. *J Phys Educ*. 2016; 27(1):2742.
3. Passos PCB, Costa LCA, Belem IC, Contreira AR, Both J, Vieira LF. A satisfação do atleta de futsal e o tempo de experiência no esporte. *Rev bras Ci e Mov*. 2015; 23(3):64-69.
4. Nascimento Junior JRA, Sousa EA, Vieira LF. Avaliação da percepção de coesão de grupo de equipes profissionais de futsal do Estado do Paraná. *EFDeportes.com, Rev Digital*. 2010; 15(151):1-8.
5. Benson AJ, Šiška P, Eys M, Priklerová S, Slepíčka P. A prospective multilevel examination of the relationship between cohesion and team performance in elite youth sport. *Psyc Sport Ex*. 2016; 27, 39-46.
6. Carron AV, Widmeyer WN, Brawley LR. The development of an instrument to assess cohesion in sport teams: The Group Environment Questionnaire. *J sport psych*. 1985; 7(3):244-266.
7. Carron AV, Brawley LR. Cohesion: Conceptual and measurement issues. *Small Group Research*. 2012; 43(6):726-743.
8. Carron AV, Eys MA, Martin LJ. Cohesion. In: Tenenbaum G, Ecklund R. C, Kamata A. *Measurement in sport and exercise psychology*. 3.ed, Champaign, IL: HKP; 2012, p. 411-422.
9. Carron AV, Colman MM, Wheeler J, Stevens D. Cohesion and performance in sport: A meta-analysis. *J Sport and Ex Psych*. 2002; 24, 168-188.
10. Filho E, Dobersek U, Gershgoren L, Becker B, Tenenbaum G. The cohesion-performance relationship in sport: A 10-year re-

trospective meta-analysis. *Sport Sci Health*. 2014; 10(3):165-177.

11. Nascimento Junior JRA, Vieira LF. Liderança do técnico e coesão de grupo: um estudo com equipes profissionais de futsal. *Rev Bras Ci Mov*. 2012; 20(2), 84-90.

12. Marcos FML, Sánchez-Miguel PA, Sánchez-Oliva D, Alonso DA, García-Calvo T. El liderazgo y el clima motivacional del entrenador como antecedentes de la cohesión y el rol percibido en futbolistas semiprofesionales. *Rev de Psic del deporte*. 2013; 22(2):361-370.

13. Paes MJ, Machado TA, Berbetz SR, Stefanello, JMF. Frequência, intensidade e direção da ansiedade e sua relação com a coesão grupal em uma equipe de voleibol infanto-juvenil masculina. *Rev Bras de Psicologia do Esporte*. 2017; 6(3):46-56.

14. Balbim GM, Vieira LF, Nascimento Junior JRA. Análise do nível de coesão de grupo e do estresse psicológico pré-competitivo de atletas adultos de voleibol. *Rev bras cineantropom desempenho hum*. 2012; 14(6):704-712.

15. Leite MAFJ, Sasaki JE, Zanetti HR, Santos ST, Abrahão CAF, Chaves AD et al. Nível de coesão grupal e satisfação de atletas de rugby. *Coleção Pesquisa em Educação Física, Várzea Paulista*. 2015; 14(3):125-132.

16. Martin L, Bruner M, Eys M, Spink K. The social environment in sport: selected topics. *Inter R of Sport and Exercise Psych*. 2014; 7(1):87-105 .

17. Carron AV. Cohesiveness in Sport Groups: Interpretations and Considerations. *J Sport psych*. 1982; 4(2):123-138.

18. Brawley LR. Group cohesion: status, problems and future directions. *Inter J Sport Psych*. 1990; 21(4):355-379.

19. Mach M, Dolan S, Tzafri, S. The differential effect of team members' trust on team performance: The mediation role of team cohesion. *J Occupational and Organizational Psych*. 2010; 83(3):771-794.

20. Nascimento Junior JRA, Vieira LF, Rosado AFB, Serpa S. Validation of the Group Environment Questionnaire (GEQ) for Portuguese language. *Motriz: Rev Ed Fis*. 2012; 18(4):770-782.

21. Carron AV, Bray SR, Eys MA. Team cohesion and team success in sport. *J Sports Sci*. 2002; 20(2):119-126.

22. Carron AV, Brawley LR. Cohesion: Conceptual and measurement issues. *Small Group Research*. 2000; 31(1):89-106.

23. Nascimento Junior JRA, Vieira LF, Souza EA, Vieira JLL. Nível de satisfação do atleta e coesão de grupo em equipes de futsal adulto. *Rev bras cineantropom desempenho hum*. 2011; 13(2):138-144.

24. Carron AV, Brawley LR, Eys MA, Bray S, Dorsch K, Estabrooks P et al. Do individual perceptions of group cohesion reflect shared beliefs? An empirical analysis. *Small group research*. 2003; 34(4):468-496.

25. Ramzaninezhad R, Keshtan MH. The relationship between coach's leadership styles and team cohesion in Iran football clubs professional league. *Brazilian J Biomotricity*. 2009; 3(2):111-120.